

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

VIRTUDES do EDUCADOR

PAULO FREIRE



VIRTUDES do EDUCADOR

PAULO FREIRE

A P R E S E N T A Ç Ã O

Esta publicação apresenta dois textos de Paulo Freire em que o autor expõe sua visão sobre as qualidades e virtudes necesárias ao educador.

O primeiro, é fruto de um pronunciamento verbal de Freire, em 21 de junho de 1985, na Reunião Preparatória da III Assembléia Mundial de Educação de Adultos promovida pelo CEAAL (Conselho de Educação de Adultos da América Latina). Por isso, o leitor atento, notará nele a presença de marcas de oralidade que não aparecem em textos escritos diretamente.

O segundo texto foi escrito por Paulo Freire para uso na Campanha da Fraternidade promovida pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) no ano de 1982.

Unimos estes dois textos em razão de sua temática. Temática essa que, a nosso ver, interessa a todos os envolvidos com a prática cotidiana da educação.

VEREDA - Centro de Estudos em Educação

VIRTUDES DO EDUCADOR

Gostaria de falar sobre um assunto, que como educador me preocupa muito. É sobre o que costumo chamar de "Reflexão crítica sobre as virtudes da educadora ou do educador".

Estas virtudes não podem ser vistas como algo com o qual algumas pessoas nascem ou um presente que uns recebem, mas como uma forma de ser, de encarar, de comportar-se, de compreender, tudo o que se cria através da prática, na busca da transformação da sociedade. Não são qualidades abstratas, que existem independentes de nós, ao contrário, que se criam conosco (e não individualmente).

As virtudes das quais vou falar não são virtudes de qualquer educador mas daqueles que estão comprometidos com a transformação da sociedade injusta e na criação de uma sociedade menos injusta.

Discurso e prática

1. SER COERENTE ENTRE O QUE SE DIZ E O QUE SE FAZ

A primeira virtude ou qualidade que gostaria de destacar é a virtude da coerência. Coerência entre o discurso que se fala e que anuncia a opção e a prática que deveria estar confirmando este discurso.

Esta virtude enfatiza a necessidade de diminuir a distância entre o discurso e a prática. E isto, não é fácil de se conseguir.

Quando me refiro a esta virtude, no nível da luta política, digo que é preciso diminuir a distância entre o discurso do candidato e a prática do eleito, de tal maneira que em algum momento a prática seja discurso e o discurso seja prática.

Obviamente que nesta busca de coerência, é necessário assinalar em primeiro lugar, que não é possível alcançar a coerência total, absoluta e em segundo lugar que se tal coerência absoluta existisse

seria enfadonha.

Imaginem vocês, alguém que vivesse de tal maneira a coerência que não teria a possibilidade de compreender o que é ser coerente, porque somente é coerente!

Se necessita ser incoerente para transformar-se em coerente.

Há, sem dúvida, um mínimo tolerado para a incoerência.

Mas, eu não posso proclamar minha opção por uma sociedade mais justa, participativa e, ao mesmo tempo, desprezar um aluno que faz críticas de mim enquanto professor.

Não é possível fazer um discurso sobre libertação e revelar um comportamento carregado de uma profunda desconfiança dos grupos populares.

Por esta razão, a virtude da coerência é uma virtude libertadora.

Palavra e silêncio

2. SABER TRABALHAR A TENSÃO ENTRE A PALAVRA E O SILÊNCIO

Outra virtude que emerge da experiência é a virtude de aprender a lidar com a tensão entre a palavra e o silêncio. Esta é uma grande virtude que nós, educadores, devemos criar.

O que eu estou querendo dizer, com isto?

Se trata de trabalhar a tensão permanente que se cria entre a palavra do educador e o silêncio do educando, entre a palavra dos educandos e o silêncio do educador.

Se alguém, como educador, não resolve bem esta tensão, pode ser que sua palavra termine por sugerir o silêncio permanente dos educandos.

Se não sei escutar os educandos e não me exponho a palavra deles, termino discursando "para" eles. Falar e discursar "para" termina sempre em falar "sobre", que necessariamente significa "contra".

Viver esta experiência da tensão da palavra e o silêncio não é fácil. Exige muito de nós.

Temos que aprender algumas questões básicas, como estas, por exemplo: não existe pergunta boba nem resposta definitiva.

A necessidade de perguntar é parte da natureza do homem. A ordem animal foi dominando o mundo e fazendo-se homem e mulher sobre o alicerce de perguntar e perguntar-se.

É preciso que o educador testemunhe aos educados o gosto pela pergunta e o respeito à pergunta.

Nos seminários de educação popular, um dos temas introdutórios fundamentais deve ser uma reflexão sobre a pergunta.

A pergunta é fundamental, engajada na prática. Às vezes, por exemplo, o educador percebe em uma classe que os educandos não querem correr o risco de perguntar, justamente porque temem os seus próprios companheiros. Não tenho dúvida em dizer que, às vezes, quando os companheiros riem de uma pergunta, o fazem como uma forma de fugir da situação dramática de não poder perguntar, de não poder externar uma pergunta.

Às vezes, o próprio professor, frente à uma pergunta que não vem bem organizada, esboça um sorriso, desses sorrisos que todo mundo sabe o que significam por sua maneira especial de ser. Este comportamento é indesejável porque conduz ao silêncio. É uma forma de castrar a curiosidade, sem a qual não há criatividade.

É necessário desenvolver uma pedagogia da pergunta, porque o que sempre estamos escutando é uma pedagogia da contestação, da resposta. De maneira geral, nós professores, respondemos a perguntas que os alunos não fizeram.

Subjetividade/objetividade

3. TRABALHAR CRITICAMENTE A TENSÃO ENTRE A SUBJETIVIDADE E A OBJETIVIDADE.

Outra virtude é a de trabalhar de forma crítica a tensão entre subjetividade e objetividade, entre consciência e mundo, entre ser social e consciência.

É difícil definir esta tensão porque nenhum de nós escapa à tentativa de minimizar a objetividade e reduzi-la frente ao poder da subjetividade toda poderosa. Então se diz que a subjetividade arbitrariamente cria o concreto, cria a objetividade.

Não se pode transformar o mundo, a realidade, sem transformar as consciências das pessoas: este é um dos mitos em que milhares de pessoas caíram. Primeiro se transforma o coração das pessoas e quando se tiver uma humanidade bela, cheia de seres angelicais, então esta humanidade faz uma revolução que é divina também. Isto simplesmente não existe, jamais existirá.

A subjetividade muda no processo de mudança da objetividade.

Eu me transformo ao transformar. Eu sou feito pela história, ao fazê-la.

Outro equívoco que está presente nesta tensão é o de reduzir a subjetividade a um puro reflexo da objetividade. Então, esta ingenuidade assume que só deve transformar-se a objetividade para que, no dia seguinte mude a subjetividade. Não é assim, porque os processos são dialéticos, contraditórios, processuais.

Quando eu digo a vocês que é difícil que alguém ande pelas ruas da história sem sofrer algumas destas tentações, quero dizer que eu também tive estas tentações e andei caindo um pouco para o la-

do da subjetividade.

Lembro-me, por exemplo, que na "Educação como Prática da Liberdade" tive alguns momentos que anunciavam que havia sido picado pelo subjetivismo.

Quando leio a palavra "conscientização" - palavra que nunca mais usei desde 1972 - a impressão que tenho é que o processo de aprofundamento da forma de consciência aparecia em certos momentos de prática como algo subjetivo. Auto-critiquei-me quando vi que parecia que eu pensava que a percepção crítica da realidade já significava sua transformação. Isto é idealismo. Superei estas fases, estes momentos, estas travessias pelas ruas da história em que fui picado pelo psicologismo ou pelo subjetivismo.

Aqui e ali

4. DIFERENCIAR O AQUI E AGORA DO EDUCADOR DO AQUI E AGORA DO EDUCANDO.

Outra virtude do educador e da educadora é como não só aprender mas viver a tensão entre o aqui e agora dos educador e o aqui e agora dos educandos.

Porque na medida em que não compreendo a relação entre o "meu aqui" e "o aqui" dos educando é que começo a descobrir o que o meu "aqui" é o lá dos educandos.

Não existe "lá" sem "aqui", o que é óbvio.

Só reconheço que existe um "aqui" porque existe algo diferente que é o "lá". Somente é possível conhecer um "aqui" porque existe um contrário.

Se eu estou em uma rua, existem só três posições possíveis: no meio, em um lado ou em outro lado. As demais são aproximações destas três posições básicas. Se eu estou no lado de cá, e quero ir para o outro lado, devo atravessar a rua.

É por esta razão que ninguém chega lá partindo de lá.

Isto é algo que os políticos-educadores e os educadores-políticos esqueceram-se: respeitar a compreensão do mundo, da sociedade, a sabedoria popular, o senso comum que os educandos têm.

Em nome da exatidão de julgamento que os educadores, às vezes, julgam possuir, declaram que os grupos populares necessitam desta sabedoria, esquecendo que desconhecemos a percepção que estes grupos têm de sua cotidianidade, a visão que têm da sociedade. Então, pretendemos partir do nosso "aqui".

Não estou dizendo que os educadores devem ficar permanentemente no nível do saber popular. Existe uma diferença muito grande entre ficar e partir.

Eu falo de partir do nível em que o povo se encontra, porque alcançar o "lá" passa pelo "aqui".

Espontaneismo/manipulação

5. EVITAR O ESPONTANEISMO SEM CAIR NA MANIPULAÇÃO

Existe outra virtude que é evitar cair em práticas espontaneistas sem cair em posturas manipuladoras.

O contrário destas duas posições é o que chamo de uma posição radicalmente democrática.

A esta altura quero dizer que não há que temer pronunciar a palavra democracia porque há muita gente que, ao escutar esta palavra a associa com social-democracia e, imediatamente, com reformismo.

Teoria e prática

6. Vincular teoria e prática

Outra virtude é a de viver intensamente a relação profunda entre

a prática e a teoria, não como superposição, mas como unidade contraditória. Viver esta relação de tal maneira que a prática não possa prescindir da teoria.

Temos que pensar a prática para, teoricamente, poder melhorar a prática.

Fazer isto, demanda uma enorme seriedade, uma grande rigorosidade (e não superficialidade). Exige estudo, criação de uma disciplina séria.

Pensar que tudo que é teórico é mal, é algo absurdo, é absolutamente falso. Temos que lutar contra esta afirmação. Não há porque negar o papel fundamental da teoria.

Entretanto, a teoria deixa de ter qualquer repercussão se não existir uma prática que a motive.

Paciência / Impaciência

7. PRATICAR UMA PACIÊNCIA IMPACIENTE

Outra virtude é a de aprender a experimentar a relação tensa entre paciência e impaciência, de tal maneira que jamais se rompa a relação entre as duas posturas.

Se alguém enfatiza a paciência, cai no discurso tradicional que diz: "Tem paciência, meu filho, porque será seu o reino dos céus."

O ativismo esquece que a história existe, não tem nada que ver com a realidade, pois está fora dela.

Eu aprendi todas estas coisas de um homem de prática, prática que nunca foi individual porque vivia na prática social. Este homem foi Amílcar Cabral, o grande líder revolucionário da Guiné-Bissau, na África.

Ele tinha exatamente esta virtude de ser pacientemente impaciente e impientemente paciente. Nunca só paciente e nunca só impaciente.

Texto e contexto

8. LER O TEXTO À PARTIR DA LEITURA DO CONTEXTO.

Finalmente, eu diria que tudo isto, que estou dizendo, tem a ver com a relação entre a leitura do texto e a leitura do contexto.

Esta é uma das virtudes que deveríamos viver para testemunhá-las aos educandos, qualquer que seja seu grau de instrução: universitário, básico ou de educação popular), a experiência indispensável de ler a realidade sem ler as palavras. Para que inclusive, se possa entender as palavras.

Toda leitura de texto pressupõe uma rigorosa leitura do contexto.

CARTA ABERTA A EDUCADORAS E EDUCADORES

Esta é uma carta pequena, amiga que lhes faço despretensiosamente. O espaço de que disponho não me permite ir além de algumas rápidas considerações em torno de um ou dois pontos que me parecem fundamentais em nossa prática. Pontos, de resto, ligados entre si, um implicando no outro.

O primeiro deles é o da necessidade que temos, educadoras e educadores, de viver, na prática, o reconhecimento óbvio de que nem um de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros.

Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educadora ou educador, significa reconhecer nos outros - os educandos no nosso caso - o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar que corresponde ao nosso dever de escutá-los.

Mas, como escutar implica em falar também, o dever que temos de escutá-los significa o direito que igualmente temos de falar-lhes. Escutá-los, no fundo, é falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los.

Dizer-lhes sempre a nossa palavra, sem jamais nos oferecermos à palavra deles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário.

Esta não pode ser, porém a maneira de atuar de uma educadora ou de um educador cuja opção é libertadora. Quem assim trabalha, consciente ou inconscientemente, ajuda a preservação das estruturas dominadoras.

O outro ponto, ligado a este, e a que eu gostaria de me referir é o da necessidade que temos os educadores e educadoras de "assumir"

a ingenuidade dos educandos para poder, com eles, superá-la.

Estando num lado da rua ninguém estará, em seguida, no outro, a não ser atravessando a rua.

Se estou no lado de cá, não posso chegar ao lado de lá, partindo de lá, mas de cá. Assim também ocorre com a compreensão menos rigorosa, menos certa, da realidade, por parte dos grupos populares.

Temos de respeitar os níveis de compreensão que estão tendo de sua realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome de sua libertação é aceitar as soluções autoritárias como caminhos de libertação.

Nem sempre, infelizmente, muitos de nós, educadoras e educadores, que proclamamos uma opção democrática, temos uma prática em coerência com nosso discurso "avançado".

Daí que o nosso discurso, incoerente com a nossa prática, vire puro palavreado. Daí que muitas vezes as nossas palavras "inflamadas", contraditadas por nossa prática autoritária, entrem por um ouvido e saiam pelo outro - os ouvidos das massas populares.

Sejamos coerentes. Já é tempo.

Fraternalmente,

